

NIETZSCHE: EDUCADOR DA HUMANIDADE

ROSA MARIA DIAS - Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro | UERJ.

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche concebe o filósofo como “o homem da responsabilidade mais ampla, que se preocupa com a evolução total da humanidade”,¹ que deve ser não só um homem de pensamento, mas também de ação; por isso, sua tarefa deve ser a de criar novos valores que ajudarão a espécie humana a atingir um nível superior. É só como filósofo criador que ele pode ser útil ao seu semelhante e aos outros seres vivos. Esses filósofos autênticos também são legisladores: “Eles dizem ‘*assim* deve ser’, eles determinam o para onde? e para quê? do ser humano. (...) Estendem a mão criadora para o futuro, e tudo o que é e foi torna-se para eles um meio, um instrumento, um martelo. Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é vontade de potência”.² Esses filósofos do futuro não são dogmáticos, ao contrário dos filósofos tradicionais, que fazem suas interpretações do mundo e acreditam que elas são verdades universais, sabem que sua interpretação é orientada por valores que não são eternos, mas dependem daqueles que criam em determinado momento e segundo um determinado tipo de vida.

A ciência pela ciência, o conhecimento pelo conhecimento, a arte pela arte são princípios estranhos para Nietzsche. Referindo-se a si mesmo, numa carta a Franz Overbeck, de 22 de janeiro de 1883, diz ser “um apologista da vida” e pretender ser também “um educador da humanidade”. Sua meta é, sobretudo, conduzir o ser humano em direção à sua própria humanização, tornar-se um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar a reflexão e o discernimento pessoal indispensável para que os indivíduos não percam de vista uma educação superior.

¹ NIETZSCHE, F., *Além do bem e do mal*, §61.

² NIETZSCHE, F., *Além do bem e do mal*, § 211.

A educação ocupa, na filosofia de Nietzsche, um lugar central. A máxima de Píndaro “Como alguém se torna o que é” dá a direção ao seu projeto educacional. Nosso filósofo, ao constatar a morte de Deus, sabe que tem diante de si um grande desafio, entende que, sem Ele, o mundo perdeu seu fundamento metafísico e que a humanidade está desamparada.

Como escreveu Arthur Rimbaud em um poema de maio de 1870, “O grande céu está aberto, os mistérios estão mortos”.³ Tal como esse grande poeta francês, e antes dele, nosso filósofo já havia alardeado para o mundo: “Deus estava morto!”. Em um belo aforismo de *A gaia ciência*, Nietzsche, atônito com esse acontecimento, deu voz ao personagem do “homem louco” que procura Deus. “Como conseguimos”, pergunta, “beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol?”⁴ O mundo do além, de Deus, do Salvador se desfez, e os dogmas cristãos afundaram com o Deus morto. Contudo, a constatação dessa morte está longe de propiciar ao ser humano sua libertação, já que, sob o céu vazio e ameaçador, inserido em um mundo impiedoso e cruel, ele percebe que não tem mais um refúgio e que está destinado ao total abandono.

No entanto, o sentido da morte de Deus é ambivalente; não é o mesmo para todos. Embora a morte do grande astro possa abrir um campo de múltiplas possibilidades, trazer grande alívio para o ser humano, pode também provocar situações de imensos riscos, entre os quais, o niilismo passivo. Nietzsche, como médico da civilização, temeroso de um niilismo passivo radical, procura, por todos os meios, apontar para a necessidade da educação do ser humano para que ele possa fazer frente ao absurdo da existência, dando novos sentido e objetivo para o seu cotidiano.

Exorta cada um a esculpir sua existência como uma obra de arte e a ter a si mesmo como testemunho. A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único.

Mantendo a arte de viver em primeiro plano, Nietzsche investe todo o seu saber na tarefa de descobrir e inventar novas formas de vida. Convida o ser humano a participar de maneira renovada na ordem do mundo, construir sua própria singularidade, organizar uma rede de referências que o ajude a se moldar na criação de si mesmo. E tudo isso só pode ser feito contra o presente, contra um eu constituído.

O ser humano é um hábil experimentador de si mesmo; seu espírito está em constante metamorfose. O filósofo deve ser o instrumento ativo dessa metamorfose, dessa arte da transfiguração, e isso só é possível incentivando continuamente a experimentação, os ensaios, as tentativas de renovação. A experimentação aqui não quer nada provar, nada verificar; logo não pode ser entendida numa acepção científica. Trata-se, sim, a cada instante, de tentar tudo por tudo, qualquer que seja o resultado. Nietzsche concebe a vida como um risco em que se pode ganhar ou perder tudo — isso porque tudo é novo, inédito e perigoso. Nosso filósofo concordaria com Guimarães Rosa quando este

³ RIMBAUD, Arthur, *Poésies*, “Soleil et Chair”, Paris: Editions J’ai Lu, 1992.

⁴ NIETZSCHE, F., *A gaia ciência*, §125.

diz que “Viver é muito perigoso...”⁵ e, ao mesmo tempo, que “Viver nem não é muito perigoso?”⁶. E ambos sabem que o sentido das experimentações vem depois, em um segundo momento, quando a vida se apropria de tudo isso para nomeá-las, hierarquizá-las, finalizá-las.

A vida é um conjunto de experimentações que o ser humano vivencia. Por essência, ela é criação generosa de formas; é artista e, como acontece em toda atividade artística, não visa a nada fora de sua própria atividade. Tal como o pintor que pinta por pintar e o músico que toca por tocar, a vida vive por viver. É preciso viver de tal modo que viver não tenha nenhum sentido — e é justamente isso que dá sentido à vida.

É assim que a educação, tal com Nietzsche a concebe, investe num projeto de singularização do indivíduo de tal modo que ele possa educar-se acima da massa indistinta do rebanho. Ele não pretende conduzir os jovens para um frio e estéril conhecimento dobrado sobre si mesmo, indiferente ao mundo que o rodeia, mas, sim, educá-los para uma humanidade rica e transbordante de vida. O filósofo de *Schopenhauer como educador* prescreve uma educação da sensibilidade: sem os sentidos enriquecidos, sutis e um gosto refinado, o homem não pode ser um criador de ideias. Eis o essencial: ele deve fazer face à trágica situação da vida sem Deus e “tornar-se o que é”. Tal é o programa do filósofo artista para uma cultura superior, desengajada de todo particularismo nacional, de toda “atualidade”, de toda “utilidade” e, principalmente, liberto de todo fanatismo religioso e político.

Nietzsche definiu a vida como vontade criadora a partir da ótica da arte, que privilegia o aspecto de intensificação da potência. O conceito de vida adquiriu uma nova significação quando privilegiou as forças criadoras em relação às forças inferiores de adaptação. Viver não é apenas adaptar-se às circunstâncias externas: a vida é, antes de tudo, atividade criadora. A adaptação é o resultado da ação da vontade de potência.

Ao dizer que vida é vontade de potência, Nietzsche não pretende defini-la como se ela fosse uma “coisa” passível de receber uma conceituação. Quis ele trazer à luz um aspecto escamoteado pela definição de Herbert Spencer e Charles Darwin: o de potência criadora da vida. Vista pela ótica da arte, a vida é atividade formadora. Ela mesma “é *essencialmente* apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação”.⁷ Como atividade criadora, ela não quer conservar-se; antes de tudo, quer crescer. Como vontade de potência, apropria-se de alguma coisa para impor-se uma forma, um sentido, uma função, uma nova direção.

Tendo estabelecido que vida é vontade de potência, Nietzsche, fazendo a ligação entre vida, arte e pensamento, entende por vontade de potência, uma forma de interpretar o mundo. O pensamento, por mais hostil que seja à vida, é sempre expressão de uma forma de vida. O modo de pro-

⁵ ROSA, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*, p. 26.

⁶ ROSA, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*, p. 35.

⁷ NIETZSCHE, F., *Além do Bem e Mal*, § 259.

dução de nossos valores não se dá sempre da mesma maneira, é a partir de uma abundância ou de uma carência de vida que eles são criados. Essa atividade que interpreta o mundo, que dá forma é, em quase sua totalidade, inconsciente. A consciência é apenas um instrumento para deixar aparecer uma atividade mais fundamental: a dos impulsos. Só existe interpretação criadora quando uma plenitude de forças exige novas configurações. A multiplicidade dos impulsos hierarquizados por uma vontade forte produz uma interpretação sadia, que abre caminho para novas formas de vida. A multiplicidade dos impulsos anarquizados, rebelados contra a vontade motiva uma interpretação doentia que não cria valores; pelo contrário, não faz mais do que se adaptar ao que já está estabelecido.

Também o pensamento filosófico é expressão dos impulsos anarquizados ou hierarquizados, da vontade que nega ou da vontade que afirma a potência. Um olhar atento através da tradição filosófica leva Nietzsche a admitir que toda filosofia, com raríssimas exceções, foi produzida a partir da conservação da potência. Fazendo a crítica aos valores superiores à vida e aos princípios dos quais eles dependem, nosso filósofo propõe um novo princípio a partir de que os valores devem ser criados: a vontade afirmativa de potência. É preciso que o pensamento produza uma vida que queira mais vida, que seja a expressão de uma vontade de intensificar a potência, sem, com isso, acarretar a exclusão da vontade de conservação.

O mundo são nossas interpretações. As diferentes óticas a partir das quais nossos valores são criados são essenciais à vida. É falta de modéstia decretar que só são válidas as perspectivas tomadas de um único ângulo. A interpretação que nega a existência acredita poder dizer a verdade do mundo. Interpretar o mundo não é conhecê-lo, mas criá-lo. É criando o nosso mundo, que nos tornamos cocriadores do mundo, porque sem nós, sem nossa interpretação, esse mundo que é nosso não poderia existir. Os pessimistas instituíram o seu mundo, mas isso não quer dizer que não existam outros mundos. Para Nietzsche, o pessimismo moderno é uma expressão que aponta para a inutilidade do mundo moderno, mas não do mundo e da existência. A pluralidade de perspectivas é, ao contrário do que sempre se pensou, um sintoma de força. Uma sociedade não é livre para permanecer jovem — não é permitido a ela viver sem envelhecer. A decadência em si mesma nada tem de condenável. O que não se pode permitir é que a decadência contamine as partes sadias de um organismo.

Nietzsche não condena os filósofos por terem dado fôlego aos seus preconceitos; critica-os, sim, por terem escondido, de si e dos outros, que suas teorias são um comentário de seus preconceitos, isto é, de suas avaliações.

O essencial da doutrina da vontade criadora, da vontade que interpreta o mundo é que ela não é um meio para mascarar uma existência insuportável, mas um meio para realçar um sentimento de força. O essencial nesse “novo caminho para o sim”, que a filosofia de Nietzsche nos apresenta, é estabelecer a relação entre arte, vida e pensamento. Visto pela ótica da vida e da arte, ele é, indubitavelmente, um dizer sim à vida, um dizer sim ao ato criador.

Ainda na perspectiva da relação vida e arte no pensamento de Nietzsche, explícito o que

Nietzsche entende por vida como obra de arte. Para isso, tomo como guia duas de suas afirmações: uma, que se encontra em *O nascimento da tragédia*; outra, em *A gaia ciência*. Em *O nascimento da tragédia*, a afirmação está expressa da seguinte maneira: “Só como *fenômeno estético* a existência e o mundo aparecem eternamente justificados”. Em *A gaia ciência*, essa afirmação reaparece com algumas modificações: “Como fenômeno estético, a existência é sempre, para nós, *suportável* ainda”. Embora existam semelhanças entre essas afirmações, já que as duas relacionam vida e arte, elas se encontram em contextos filosóficos totalmente diferentes; por isso têm significações diferentes.

Quatorze anos após a primeira edição de *O nascimento da tragédia* (1872), Nietzsche acrescenta a ela um prefácio que denomina de “Ensaio de autocrítica” (1886). Nele se encontra a afirmação: “A existência do mundo só se *justifica* como fenômeno estético”. Revendo o que ali havia escrito, revela ter ousado pensar a arte na perspectiva da vida. A questão metafísica — “que é a arte?” — coincide com a questão existencial — “qual o sentido da vida?”. A vida tem como propósito a arte, a arte é uma necessária proteção da vida, e a vida só se justifica como fenômeno estético.

Assim, nessa primeira obra, vida e arte são tratadas, principalmente, na perspectiva das poesias épica e trágica gregas e a partir do que ele chama de “impulsos artísticos da natureza”: o apolíneo e o dionisíaco. Por meio da arte, o povo grego — tão singularmente apto ao sofrimento — justificou a existência, unindo vida e arte. A vontade helênica, diante do perigo que corria o povo helênico de sucumbir à destruição, para incentivá-lo a continuar vivendo, põe diante dele um espelho transfigurador. Uma tela de formas luminosas e brilhantes, feita nos sonhos e nos entressonhos e que apresenta, por assim dizer, a imagem dos deuses olímpicos, belos e perfeitos, para que os gregos pudessem nela se mirar e, invertendo a sabedoria de Sileno, poderem dizer: a pior de todas as coisas é morrer logo; a segunda pior é simplesmente morrer um dia.

Embora Nietzsche apresente a arte apolínea como legitimadora da existência, reconhece que a solução dada por ela é ainda superficial, pois, a cada manifestação embriagadora, rompia-se o invólucro da individuação, o sustentáculo da serenidade, e os gregos se viam mergulhados no devir da vontade, prontos para nela desaparecerem. O perigo está revelado no pessimismo da sabedoria de Sileno. Contudo, os artistas dionisíacos criaram uma forma mais duradoura de legitimar a existência do que aquela que se tornou possível com a transfiguração apolínea: conceberam a tragédia, que tem o poder natural de cura contra o impulso dionisíaco bárbaro, que destrói todos os valores gregos de civilização.

Nos livros que se seguem ao *O nascimento da tragédia*, Nietzsche não faz mais menção aos “impulsos artísticos da natureza”. Em *A gaia ciência*, a relação vida/arte está posta em outros parâmetros, apesar de ele fazer uma afirmação que se assemelha muito à de sua primeira obra: “Como fenômeno estético, a existência ainda nos é *suportável*”, e, por meio da arte, nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência para *poder* fazer de nós mesmos um tal fenômeno”.⁸

Como já vimos anteriormente, se compararmos as duas afirmações — a de *O nascimento da*

⁸ NIETZSCHE, F., *A gaia ciência*, §107.

tragédia e a de *A gaia ciência* —, podemos observar que há algo nelas que as torna diferentes, que denota uma mudança importante no modo de Nietzsche conceber a arte. Enquanto a primeira aparece no contexto de reflexão sobre a obra de arte, seja o drama musical grego ou wagneriano, a segunda diz respeito a outro tipo de arte: da vida como obra de arte.

Em “Opiniões e Sentenças diversas” (1879) e em “O andarilho e sua sombra” (1880), há outro ponto de vista, a partir do qual Nietzsche revaloriza a arte. Não se trata mais certamente de nenhum que leve o homem a evadir-se de si mesmo, a buscar o fantástico, o além-mundo, mas da arte de criar a si mesmo como obra de arte, isto é, de sair da posição de criatura contemplativa e adquirir os hábitos e os atributos do criador, ser artista de sua própria existência.

E como fica a arte das obras de arte nessa tarefa de criar a si mesmo como obra de arte? Nietzsche não se põe contra as obras de arte. Opõe-se, sim, em primeiro lugar, à deificação das obras de arte, ao pensamento que, por atribuir todos os privilégios da criação ao gênio, deixa de criar a si mesmo; em segundo lugar, ao desperdício de forças. Somente aqueles que trazem consigo um excedente de forças deveriam a ela se dedicar.

O segundo volume de *Humano, demasiado humano* é, então, porta-voz de um deslocamento do centro de gravidade da filosofia de Nietzsche sobre a arte — a passagem da reflexão sobre as obras de arte para uma reflexão bem particular, a vida mesma considerada como arte. Desse modo, Nietzsche diminui ainda mais a separação entre vida e arte; torna determinante da construção de belas possibilidades de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich, *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____ *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg, 1992.

_____ *Humano, demasiado humano*, I.
Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____ *Humano, demasiado humano*, II.
Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIMBAUD, Arthur, *Poésies*. Paris: Editions J'ai lu, 1992.

ROSA, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1993.